

EDITORIAL

O dossiê apresentado neste número da *Phoînix*, intitulado “Dor & Morte”, compõe-se de artigos que visam debater essa temática. Diversas sociedades encontraram maneiras de representar e discutir a morte e o sofrimento que se segue com esse evento inexorável. Na Antiguidade, a temática se encontra desde a presença nos mitos fundacionais, passando pelas guerras que ceifaram vidas, até as preocupações acerca do que aconteceria após a morte, sendo esses os recortes das pesquisadoras que aqui se debruçaram sobre os temas.

Diante do contexto da pandemia de COVID-19, um doloroso período em que a morte se tornou parte da vida de inúmeras pessoas, notabilizou-se a necessidade de refletir, na presente publicação, sobre a temática que apresentamos. Isso porque, ao realizarmos essa reflexão, evidenciou-se, igualmente, como a Antiguidade não está em um pedestal, descolada da contemporaneidade: angústias, sofrimentos, dores... fazem parte da vivência humana desde tempos imemoriais.

A leitura começa com o artigo de María Cecilia Colombani, que põe em destaque o papel do mito para compreender como a morte e o sofrimento engendram as temáticas fundacionais da religião helênica: a Tifonomáquia e a Titanomáquia. A autora trabalha com a perspectiva do positivo e do negativo, do claro e do escuro na mitologia, de modo a escavar camadas arqueológicas do pensamento grego acerca da legitimação do poder de Zeus, capaz, nesses mitos, de restabelecer a ordem e cessar a dor.

Na sequência, Lorena Lopes da Costa contribui com este dossiê por meio de uma análise focada no universo trágico de Eurípidés. A figura de Hécuba, em sua peça homônima, é conectada à dor da perda de entes queridos, à quebra do *nómos*, e à destruição de sua Troia. Ainda assim, o cerne do artigo não é descrever os lamentos da protagonista em relação aos seus percalços, mas o fato de ela transformar sua dor em vingança. De vítima ferida, Hécuba se torna agente do seu próprio destino.

Ainda no contexto das tragédias eurípidianas, encontra-se o trabalho de Elsa Rodríguez. A autora inicia sua exposição chamando atenção para o fato de que a dor não faz parte da *Retórica* aristotélica, referência nos

estudos sobre as emoções na Antiguidade Grega, mesmo que seu segundo livro realize um inventário dos *páthe*, das emoções. Diante dessa constatação, ela mergulha no universo d’*As Troianas*, tragédia cujo assunto central debatido pela autora é a dor da perda diante da morte, o que a faz investigar o léxico relacionado a esse sentimento nos ritos fúnebres presentes na peça.

Agatha Bacelar, por sua vez, trabalha com a metáfora da morte ao analisar a *pólis nosoûsa*, a cidade adoecida, não como um organismo, mas como uma pessoa, visto que a cidade é personificada pela utilização mesma do verbo *noseîn*. As *stáseies* são os sintomas de uma doença bem mais profunda, ocasionada pelos distúrbios políticos da *pólis* ateniense do século V a.C. Buscando exemplos na tragédia, a autora mostra como essa escalada do conflito se dá de forma gradual, porém significativa.

Encerrando o dossiê, Ana Teresa Marques Gonçalves se dedica a compreender como os autores cristãos, como Cipriano de Cartago, edificaram suas narrativas a partir do uso de uma miríade de ferramentas retóricas de autores que viveram na Antiguidade Clássica. Sendo assim, é bastante significativa a semelhança entre o acesso ao reino de Hades e ao reino celeste, uma vez que o comportamento do vivente interferiria sobremaneira no modo como ele teria acesso a esses dois mundos.

Quatro artigos livres completam o presente número. Matheus Trevizam propõe expor os principais traços de duas tipologias literárias: a poesia didática e o tratado. Também exemplifica essas tipologias através, respectivamente, das *Geórgicas* de Virgílio e do *Opus agriculturae* de Paládio, a fim de demonstrar como, em um caso, os efeitos poéticos e o deleite são o objetivo do autor; no outro, preferem-se uma exposição eficaz e clareza no vocabulário técnico.

Já Sarah Fernandes Lino de Azevedo analisa os limites e potencialidades do conceito de ‘Crimes Sexuais’ nos estudos sobre a sociedade romana. Por se tratar de um conceito estabelecido na contemporaneidade, a autora aponta aspectos sobre a historicização do conceito, discutindo sobre seus limites e debatendo sobre a carga de artificialidade e de anacronismo em seu emprego na historiografia sobre a sociedade romana. Ademais, ressalta-se também o potencial didático enquanto recurso temático para o ensino de História, por propiciar um profícuo diálogo presente-passado. Para demonstrar a potencialidade do conceito aplicado aos estudos sobre a sociedade romana, principalmente do período da República e início do Império,

dois emblemáticos episódios de crimes sexuais são analisados: o episódio do estupro de Lucrecia e o atentado à Virgínia. Ambos os episódios fazem parte do repertório de crimes sexuais apresentados por Tito Lívio em sua obra sobre a história da cidade de Roma, publicada na época de Augusto.

Jean-Michel Carrié defende que atualmente, “mundialização”, “globalização”, “economia-mundo”, “história global” são termos que se tornaram cada mais familiares aos historiadores, que os propõem enquanto instrumentos para renovar a forma de “fazer história” (“faire de l’histoire”). O modo como esses historiadores usam esses conceitos nem sempre é muito rigoroso, e, mais ainda, entre a língua francesa e a língua inglesa os campos lexicais de globalidade estão em descompasso semântico. Por isso, o autor inicia a sua análise por uma adequação terminológica. À primeira vista, de si mesmo o Império romano sugere ao historiador uma descrição embasada na globalização, suscetível de produzir uma maior eficácia heurística. Ainda é necessário buscar uma definição do conceito de globalização especificamente aplicável ao mundo romano, colocando provisoriamente entre parênteses o significado assumido por este termo no contexto do mundo contemporâneo.

Encerrando o presente número, Semíramis Corsi Silva defende que Lâmias e Empusas têm uma longa tradição mitológica como uma espécie de protótipo da mulher vampira que mata suas vítimas envolvidas em um jogo de amor e sedução. No texto, a autora apresenta essas personagens em textos da literatura greco-romana e, a partir disso, trazer elementos sobre sua recepção como inspiração para as personagens *femmes fatales* nas poesias *A Noiva de Corinto*, de Johann Wolfgang von Goethe e *Lamia*, de John Keats.

À Faperj um agradecimento especial pelo financiamento do presente número da revista.

Por fim, convidamos os estudiosos do mundo antigo, bem como o público em geral, para uma leitura proveitosa e propositiva dos artigos que compõem este número da *Phoînix*.

Bruna Moraes da Silva (Lhia-UFRJ) e
Renata Cardoso de Sousa (Lhia-UFRJ)